



Tecendo a renda no Nordeste a partir da comunicação popular

Uschi Cristina Silva¹, Valcilene Rodrigues da Silva², Emely Christine Sulino³ e Monica Cox de Britto Pereira⁴.

¹Mestranda em Geografia (PPGEO- UFPE). E-mail: uschigeo@gmail.com; ²Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA-UFPE). E-mail: Valcilener@gmail.com; ³Graduanda no Departamento de Ciências Geográficas (UFPE). E-mail: emelychristine@hotmail.com.br; ⁴Prof^a Dr.^a Departamento de Ciências Geográficas (UFPE). E-mail: coxmonica@gmail.com.

Resumo: A comunicação popular tem sido uma ferramenta fundamental para a construção do conhecimento agroecológico e a para o fortalecimento das Redes de Agroecologia. Neste sentido, a Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA-NE) vem trabalhando na perspectiva das metodologias participativas e da comunicação na construção e fortalecimento dos Núcleos de Educação e Agroecologia. O presente trabalho tem por objetivo disseminar a importância da comunicação, a partir da experiência vivenciada no âmbito da RENDA-NE com a promoção de um curso de comunicação popular e agroecologia. O texto apresenta a metodologia e os resultados das oficinas de comunicação realizadas durante o curso. E, por fim, a perspectiva de que tal formação inicia um processo que avança para fortalecer coletivos, ações e reflexões acerca da comunicação e da construção do conhecimento agroecológico.

Palavras-chave: Construção do Conhecimento; Agroecologia; Metodologias Participativas.

1. Introdução

A Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia (RENDA-NE) tem como objetivo e desafio reunir os quase quarenta Núcleos de Educação em Agroecologia (NEAs) e Centros Vocacionais Tecnológicos (CVTs) dos nove estados do Nordeste em uma rede de trocas, reconhecimentos e fortalecimento da agroecologia enquanto ciência, movimento e prática. Para tanto, tem como referência as metodologias participativas e a comunicação, que permitem a mobilização e a formação em torno de tal temática, articulada aos desafios e as potencialidades de cada território.



A RENDA-NE envolve um conjunto diversificado de sujeitos e almeja ampliar a participação dos diferentes sujeitos sociais, bem como a valorização da autonomia destes a partir do fortalecimento de suas experiências. A Rede inclui movimentos sociais, organizações da sociedade civil, instituições de ensino superior, institutos federais, instituições de pesquisa, escolas técnicas e organizações de extensão, dando especial enfoque à valorização da participação da juventude rural e das mulheres.

O trabalho em comunicação realizado na região Nordeste pela Articulação do Semiárido, pela Articulação Nacional de Agroecologia e pelo encontro de Diálogos e Convergência, cujo horizonte inclui as metodologias participativas enquanto processos educativos vinculados à comunicação popular, reconhecidos como meio de transformação da realidade social, inspirou a realização do curso “Comunicação Popular e Agroecologia” no âmbito da RENDA-NE.

Deste modo, conhecer experiências em comunicação, no âmbito dos NEAs, promover diálogos entre as realidades locais, regionais e nacional, criar novas formas de comunicação, refletir sobre o papel da nossa comunicação na construção dos territórios onde vivemos e atuamos e, também, na contraposição ao discurso da mídia hegemônica, além de fomentar espaços que proporcionem o diálogo e a qualificação das nossas atuações em comunicação foram os objetivos do curso. Este teve como horizonte apontar caminhos para cotidianamente seguirmos nosso processo comunicativo permanentemente em diálogo, de forma a construir e fortalecer nossa Rede – a RENDA.

2. Por que a comunicação popular na agroecologia é importante?

Motivada pelo desejo de aprofundar o conhecimento sobre as experiências em comunicação dos Núcleos de Educação e Agroecologia, promover diálogos e fomentar processos coletivos com foco na construção de metodologias participativas e da comunicação popular, a RENDA-NE, em parceria com o Terral Coletivo de Comunicação Popular, realizou em agosto de 2016, na cidade de Recife-PE, o curso de Comunicação Popular e Agroecologia no âmbito do Projeto CNPq/MDA 39/2014.

Entendemos por comunicação popular a “comunicação produzida pelo povo e para o povo, com o objetivo de alterar a realidade social de uma determinada comunidade ou grupo social. Ela é porta-



voz dos interesses da comunidade em que está inserida e também ajuda a comunidade a se organizar em torno dos seus problemas” (GIANNOTTI, 2016, p. 23) □. A RENDA-NE traz a importância da comunicação como forma de fortalecer e aproximar os NEAs numa rede de ações e reflexões acerca dos processos vivenciados no dia-a-dia da prática educativa e coletiva da construção do conhecimento agroecológico, haja visto que, tal como explicita Paulo Freire (1983):

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. Daí que, como conteúdo da comunicação, não possa ser comunicado de um sujeito a outro (FREIRE, 1983, p. 44).

Assim, a comunicação é tema fundamental na pauta dos Movimentos Sociais, à luz das nossas necessidades imediatas de promover outras relações econômicas, políticas, de construção do conhecimento agroecológico e com a natureza. O curso também quer ser um espaço para pensarmos e propormos desdobramentos concretos para continuidade do nosso diálogo e qualificação das nossas atuações em comunicação.

3. Caminhos que anunciam a comunicação popular

O Curso de comunicação foi estruturado em dois momentos. O primeiro momento foi uma indicação aos participantes de estudo em seus NEAs sobre a comunicação popular que incluiu leitura de textos e vídeos, a isso chamamos de Tempo Comunidade, pois a ideia era que os participantes pudessem construir um momento coletivo de debate e aprendizagem sobre o tema e, ao mesmo tempo, reunir materiais de comunicação produzido pelos NEAs ou produzidos nos territórios nos quais estão inseridos. Nesta etapa da organização houve diversas trocas com os integrantes do curso a fim de tirar dúvidas e construir o processo de maneira integrativa. A segunda etapa foi presencial e durou três dias. O espaço foi pensado de forma que os participantes contassem com hospedagem e alimentação no



mesmo local do curso, contribuindo para um mergulho intenso e maior socialização dos conteúdos entre os integrantes do curso.

A ideia de que todo mundo pode fazer a comunicação foi a condução a partir da sensibilidade que se buscou trazer durante a apresentação dos NEAs. Esse momento contou com a metodologia da Instalação Artístico Pedagógica (figura 1). O objetivo das instalações foi comunicar e mapear as experiências em comunicação dos NEAs e das organizações presentes nos territórios. Composto-se de elementos da realidade, foi se construindo ao centro da roda um cenário em que apresentasse a estética e despertasse as dimensões da sensibilidade, suscitando a reflexão acerca do tema que permearia os três dias do curso.

As experiências, os desafios e as ações concretas foram apresentadas no “Mapa da Comunicação” (Figura 2). O mapeamento, permitiu que cada NEA colocasse suas expectativas em relação ao fazer comunicação popular. Durante a apresentação das experiências, os NEAs e representantes de instituições de assistência técnica (IPA, ONG Chapada), colocaram a necessidade de priorizar a comunicação que promova o diálogo entre a realidade local e que fortaleça a agroecologia nos territórios. Ao final, um mapa da Região Nordeste foi preenchido por experiências em comunicação dos NEAs e das organizações presentes, tais como Instituto Nacional do Semiárido (INSA), Articulação do Semiárido (ASA) e a Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA).

Houve ainda uma roda de diálogos que trouxe experiências em comunicação na Região Nordeste e em âmbito nacional, com a presença da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida e do Centro Sabiá. Além disso, o curso contou com quatro oficinas de produção, sendo três facilitadas pelo Terral Coletivo de Comunicação Popular e uma oficina facilitada por Raíssa Theberge, da Rede de Grupos de Agroecologia (REGA). As oficinas ministradas tiveram carga horária de 8h cada.

3.1. Oficina de produção textual para web

O Objetivo da oficina foi realizar um debate sobre linguagem e ideologia, a partir de exemplos midiáticos, especificamente de internet (sites e redes sociais); falar sobre a produção textual em si, com



ênfase em redação jornalística e produção de notícias; mostrar narrativas e análise crítica de produções com abordagem em direitos humanos, comparando os diferentes materiais; apresentar algumas plataformas digitais de disponibilização de conteúdos, que podem servir de base para as produções de movimentos e organizações sociais e; por fim, realizar um laboratório de textos a partir das temáticas escolhidas pelas duplas no dia anterior e a realização coletiva, além de uma avaliação dos mesmos sobre a oficina e os exercícios realizados.

3.2. Oficina “Rádio, Agroecologia e Democracia”

A oficina “Rádio, Agroecologia e Democracia” foi dividida em duas partes. Na primeira, foi realizada uma reflexão coletiva sobre as conjunturas políticas e sociais na prática das narrativas radiofônicas. O segundo momento foi de desenvolvimento de atividades técnicas para produção radiofônica. A partir de metodologia participativa, o grupo dialogou sobre as conjunturas de hegemonia e contra-hegemonia que envolve e aproxima as identidades em comum na perspectiva do paradigma da agroecologia e da luta social pela democratização da comunicação.

Na parte técnica, foram formadas duplas para exercitar gravação de áudio (entrevistas), conversão de arquivos, edição e montagem de áudio e utilização de plataforma virtual de armazenamento e compartilhamento de áudio. De forma ampla, a oficina colaborou com a ampliação da capacidade dos comunicadores e das comunicadoras para relacionar as propostas políticas de protagonismo e autonomia, presentes tanto no discurso das práticas agroecológicas como nos processos de comunicação democrática e popular.

3.3. Oficina foto e audiovisual

A oficina de foto e audiovisual foi construída a partir da perspectiva do campo popular e buscou trazer elementos e informações que fortalecessem e estimulassem o uso dessas duas ferramentas de comunicação na luta diária dos e das participantes. O conteúdo foi dividido em três fases: no primeiro momento foi abordado, com explanação teórica e debate, o que se referia ao campo da fotografia, no segundo, também bebendo da teoria e da discussão, entrou-se no campo do audiovisual. A última parte



foi destinada ao trabalho prático, com a construção coletiva de um vídeo como produto final da oficina. A primeira parte, com a etapa de fotografia, trouxe elementos para fazer os e as participantes refletirem sobre a fotografia como instrumento de luta, que quebra paradigmas, questiona poderes e transforma mentes.

3.4. Oficina de facilitação gráfica

Com a pergunta “Por que facilitação gráfica e agroecologia? ”, os NEAs que participaram da oficina puderam compreender o conteúdo e o sentido desse tipo de registro. Discutiu-se outras formas de linguagem para aproximar e valorizar o conhecimento popular. A comunicação com imagens trouxe a perspectiva da sistematização a partir de outros formatos que não os textuais e mostrou que isso pode ser um instrumento para ajudar na comunicação e na construção do conhecimento agroecológico.

As metodologias participativas são caminhos que anunciam e apontam para a construção do conhecimento agroecológico e nos desafiam a criar e transformar nossas práticas educativas, de modo que os processos possam envolver mais sujeitos. A comunicação, nesse sentido, fortalece e se torna necessária para contar as histórias, mostrar as experiências e proporcionar trocas entre os NEAs da Região Nordeste.

4. O que colhemos?

A partir das metodologias participativas, chegamos a alguns resultados: (i) mapeamento das experiências dos NEAs (Quadro 1); (ii) produção de textos, vídeos, programas de rádio e painéis de facilitação gráfica. Além disso, a motivação para seguir na luta junto com diferentes NEAs, a troca de saberes e habilidades para trabalhar juntos, o despertar para a urgência em discutir a democratização da mídia, a comunicação como questão estratégica e o papel da construção do conhecimento agroecológico, foram alguns dos apontamentos feito na avaliação do curso.



5. Considerações finais

Fomentar espaços que possibilitem a construção e criação de ferramentas em comunicação contribui para o fortalecimento das Redes de Agroecologia e torna-se urgente à medida em que os canais de comunicação estão sob comando de alguns grupos cujos interesses atendem ao capital. A comunicação entendida como um direito humano que deve ser apropriada e produzida por todos e todas, permeou os debates junto aos participantes e palestrantes do curso. No último dia, os participantes puderam realizar uma avaliação, na qual consideraram o que era importante avaliar e encaminhar (figura 3) para dar continuidade aos processos em comunicação: o que colhemos e o que plantamos foram as perguntas geradoras deste importante momento.

Nesse sentido, a RENDA-NE entende que o curso de comunicação inicia um processo que avança para fortalecer coletivos, ações e reflexões acerca da referida temática e da construção do conhecimento agroecológico. A comunicação se junta a outros temas como elemento central na disputa de modelos e concepções de sociedade e, torna-se importante porque é por ela que disputamos as ideias e as maneiras como vemos o mundo. O agronegócio tem a seu lado a grande mídia propagando um modelo de desenvolvimento no campo que impacta os territórios dos povos e das comunidades tradicionais. Por isso, é necessário que a comunicação seja transformadora, feita pela comunidade e para a comunidade para, assim, modificar a realidade em que se vive, em um processo contínuo de construção e fortalecimento da Agroecologia.

Referências

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIANNOTTI, C. S. *Experiência em Comunicação Popular no Rio de Janeiro Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Núcleo Piratininga de Comunicação, 2016.

PERUZZO, C. M. K. *Comunicar Para Transformar*. In: *Revista Agriculturas*. v. 13, n. 1, p. 4–6, 2016.



ANEXOS



Figura 1. Instalação Artístico Pedagógica realizada no início do curso.
Fonte: RENDA, 2016.



Figura 2. Mapa da Comunicação dos NEAs do Nordeste.



Fonte: RENDA, 2016.

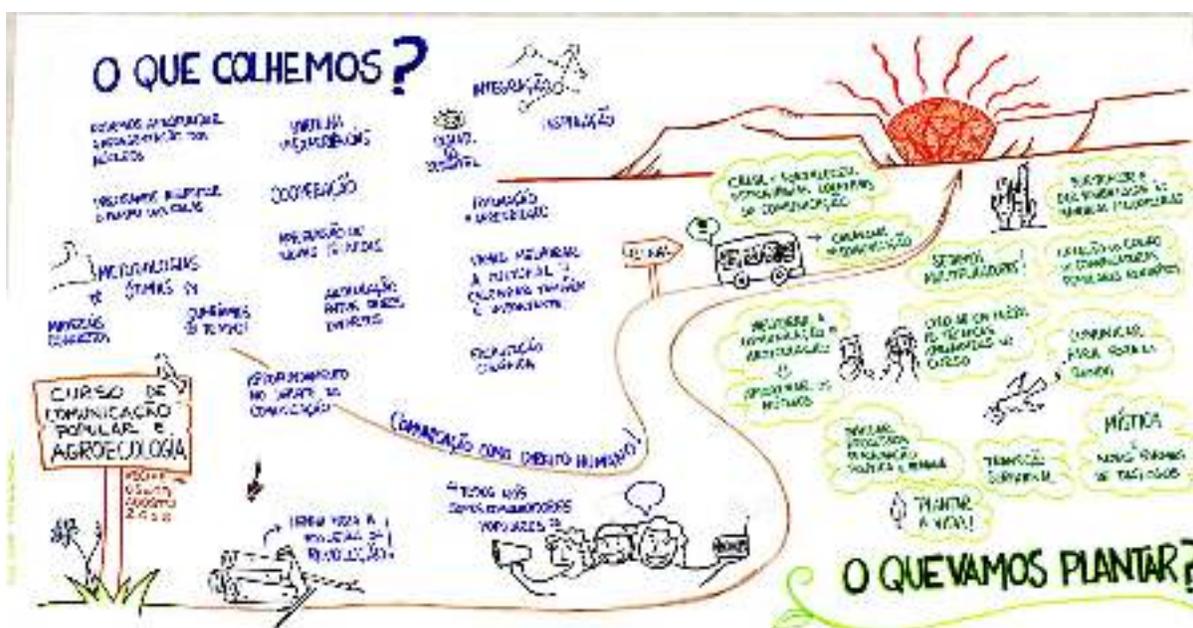


Figura 3. Painel de Avaliação do Curso de Comunicação.
Facilitação Gráfica: Raíssa Theberge, 2016.

Quadro1. Mapeamento dos instrumentos de comunicação dos Núcleos e Instituições Participantes do Curso de Comunicação

Núcleo/instituição	Experiência/instrumentos de comunicação
NEPPAG - UFPE (PE)	Oficinas e palestras em eventos, página no facebook, banner, logomarca e fotos.
NEADS - IFPE - Barreiros (PE)	Banners, logomarcas, faixas, cartazes, facebook, notícias, fotos e coberturas jornalísticas institucionais.
CFES (PE)	Experiência em sistematização de processos de construção de conhecimento e fortalecimento em rede, intercâmbios e cursos regionais.
GEMA - IPA (PE)	Folders de eventos, cartazes, matérias/editoriais, plano de capacitação, whatsapp, google drive.
NEPPAS - UFRPE-	Um espaço de troca e de trabalho dos agricultores(as) junto com a



UAST (PE)	Universidade, um apoio mútuo junto com vários parceiros; “NEPPAS é o viés entre o rural e a unidade acadêmica.”
Sertão Agroecológico - Univasf (PE) e o Núcleo de Agroecologia do Semiárido (PE)*	Oficinas de comunicação e metodologias participativas, página no facebook, logomarcas, boletins informativos digitais, facilitações gráficas, caravanas, trabalhos científicos e relatos de experiência.
Terral Coletivo de Comunicação Popular (PE)	Oficinas de comunicação popular, cobertura de pautas em direitos humanos e uso de fanpage/medium.
NEA UFAL - IFAL (AL)	Facebook, folder, Tv agroecológica, panfletos.
Arranjo Agroecologia Embrapa - Núcleo de Agroecologia Nordeste	Educação no campo, formação com a juventude rural, produção de materiais multimídias.
Núcleo de Agroecologia da Embrapa Tabuleiros Costeiros / RESEA (SE)	Folders, dvd, cartazes e prosa rural.
NEVA - UFS São Cristovão (SE)	Parceria com rádio UFS, cartilhas, manutenção de redes sociais e realização de oficinas.
Núcleo de Agroecologia e Cartografia Social - UFRB (BA)	Aproximação com os grupos sociais, dar visibilidade as lutas de comunidades e povos tradicionais, proporcionar voz para grupo e povos do campo para que falem por si.
NERA - UEPB (PB)	Cultural, rádio, cordel, poesias, artesanatos, boletim, email, whatsapp, blog, oficinas e comissões de organizações de base de apoio com Polo da Borborema, ASPTA, PATAC, MST, COONAP e outros.
INSA (PB)	Semiárido em tela; Semiárido em foco; Lendo é que se faz; Relatório popularizado; Semana de popularização da ciência no semiárido.
PASCAR - UFCG (PB)	Rádio, teatro, oficinas, livros, boletins e folders; Programa Matutando Agroecologia.
NEA IPANGUAÇU - IFRN (RN)	Banners, símbolo, faixas, link na página do IFRN e livro com as sistematizações será publicado ao final de 2016.
NUMA - UFERSA (RN)	Folder, página no facebook, vídeos e publicações em artigos e



	livros.
TRAMAS/REEAJA UFC (CE)	– Página no facebook e youtube, site, comunicação audiovisual, construção de jogos, cartilhas, cadernos, panfletos e sistematizações.
NEEPA – UFC (CE)	Página no facebook, folder, fotos impressas para exposições e instalações, postais, publicações na página da UFC e produção audiovisual.
NEA Cajuí – UESPI (PI)	Finais de semana agroecológico, rádio cocais, feiras de base agroecológica.
NEA – IFMA Monte Castelo (MA)	Vídeos, fotos, cartilhas, banners, folders, facebook e whatsapp. Oficinas, capacitações, grupos de pesquisa, diagnósticos participativos, educação no campo, análises físicas e químicas, participações em eventos, políticas públicas e cursos de formação.
REGA BRASIL	Encontros presenciais, ENGAS e REGAS, Feira de troca de sementes crioulas e grupos de e-mails (RISEUP).

*Os núcleos compõem a Rede Territorial de Agroecologia do Sertão do São Francisco.

Fonte: Elaboração Renda, 2016.